

# Museu Nacional Resistência e Liberdade

Fortaleza de Peniche

## TESTEMUNHO

Manuel Quinteiro Gomes

Tortosendo (Covilhã)

Registo Geral de Presos n.º 26 508

Cadeia do Aljube - 23.12.1963

Depósito de Presos de Caxias - 14.02.1964

**Cadeia do Forte de Peniche** – 27.09.1964

Prisão Hospital São João de Deus – 18.05.1966

Cadeia do Forte de Peniche – 11.06.1966

Libertado em 25.01.1967

**Fui preso [em dezembro de 1963] na oficina onde trabalhava na Tinturaria da Sociedade de Lanifícios do Tortosendo.** Entrou um dos chefes de serviço de uma outra secção, a fazer-me gestos, a ver se eu conseguia fugir. Já vinham os dois [guardas] republicanos com ele. Fui preso pela Guarda Nacional Republicana porque a PIDE estava no escritório da firma, mas não entrou lá dentro [da oficina]. A GNR é que me foi buscar e disseram-me “Faça o favor de nos acompanhar ali ao escritório”.

Claro que já cá estavam [presos] alguns dos colegas e eu já estava a contar. A infelicidade foi a queda de um nevão uns dias antes que impediu que eu atravessasse os Pirenéus. Quando não [senão] eu já lá não estava!

Quando fui levado para o escritório o meu encarregado perguntou-me: “Olha lá, precisas de alguma coisa?”, porque eu mudava de fato cada vez que chegava à empresa, para ter um fato de trabalho e outro quando saía. E eu pedi-lhe: “Olhe, faça favor, diga ao meu primo” - que era um primo que trabalhava comigo e que mais tarde foi para a cadeia- “diga-lhe que me tire a carteira que tenho lá o cartão da esposa, para ir ao posto médico e a ver se ele depois pode dar andamento a essas coisas.” O que eles não sabiam é que o dinheiro para pagar ao passador estava dentro da carteira!

Fui preso porque pertencia à organização do Partido Comunista Português. Já sou membro do Partido desde os anos 50. E ainda continuo.

A nossa prisão foi mais um acidente ou um descuido, digamos assim. Um senhor que trazia a imprensa do partido entrou em conflito com a autoridade na Vila do Fundão e a autoridade levou-o para o Posto. No Posto tiraram-lhe a imprensa do Partido e começou ali a teia. Uma teia que acabou com alguns a fugir e 21 na prisão. Atingiu o Tortosendo, a Covilhã, os Cebolais, Castelo Branco e Alcains.

Um dos colegas da prisão era o Dr. Vasques Silva que foi o primeiro Governador Civil [de Castelo Branco] pós 1974.

**No Aljube** fui metido numa cela, a que chamava eu “uma gaveta” que só tinha 90 cm por 180. Era preciso levantar o beliche, prendê-lo em cima com um ganchozinho, para poder dar 3 passos.

Esse roulement, juntamente com os interrogatórios na António Maria Cardoso, duraram 57 dias. Só ao fim dos 57 dias e de estarem os interrogatórios mais ou menos (...) porque eles já tinham a ficha completa! Porque estavam lá os colegas que tinham ido antes e eles já tinham as informações.

Fui então transferido para Caxias norte. **Ali a tortura aconteceu.** Como eramos todos conhecidos, hoje ia um, depois ia outro para confirmarem sim ou não, depois ia outro. Era assim sucessivamente.

O tratamento creio que já estão ao corrente. [Não fala sobre o assunto]. Eu não costumo criar ódio, nunca foi a minha intenção. Claro que não estaria de acordo por estar a ser torturado, não me deixarem dormir, não me deixarem sentar. Bom há vários tipos de tortura. Pancada: um ou outro bofetão. Era mais tortura moral. Os nós da madeira (as salas eram de madeira de pinho) chegavam a um ponto que pareciam bichos a andar.

Eu fui preso com umas botas de trabalho, com umas meias de lã azul-escuro. Quando as tirei estavam cinzentas! A “caspá” que saiu das pernas [tornaram as meias cinzentas] por estar aquelas horas, todas em pé, dias inteiros, durante a tortura do sono, os pés inchavam e as meias ficaram cinzentas. Deitei-as logo fora! Logo.

## Peniche

Peniche era tido como uma prisão de alta segurança, até com características de terror. Não foi isso que encontrei. Mas havia um medo terrível do chefe da Guarda, até dos próprios guardas, e do Diretor, que era mais assim um tipo... bandalho, que aparecia pouco. Agora o chefe [dos Guardas] usava um ar muito senhor. Aquele respeito, aquela coisa.

De forma que eu [pensei] assim: esta gente, no fundo, **são miseráveis de mente**. Porque eles tinham sido treinados (ainda há bocadinho falava isto na viagem para cá) ... o maior recrutamento da PIDE foi feito nos seminários porque eram disciplinados e obedientes. Os alunos dos seminários eram normalmente muito disciplinados e obedientes. E eles [PIDE] iam buscar essa gente e levaram muitos à Itália aos chamados Camisas Negras e à Alemanha aos Nazis do Hitler, treinaram-nos e incutiram-lhes uma moral deles, era uma moral deles, incutiram isso de tal ordem que eles divertiam-se com as sevícias que faziam. **Eram seres mentalmente deturpados**, porque eu não acredito que um ser humano esteja a fazer sevícias a outro e não sinta uma ponta de remorso. Era isso é que chocava! O vexame moral, o desprezo com que éramos tratados, a falta de dignidade.

**[Em Peniche] estava numa sala coletiva no Pavilhão C**, aquele donde houve a fuga dos Dez. Eu estava na sala 3 mais os meus colegas e o conhecimento uns dos outros, depois um recebia uma carta e dizia uma coisa e ficavam todos magoados, outros respondiam, ... era desagradável! Eu consegui um dia arranjar ânimo e escrevi ao chefe dos Guardas, fiz um requerimento para me por numa cela [individual], porque aquilo estavam a dar-me cabo da cabeça.

### **Eu estive neste Forte onze meses sem uma visita!**

“Mandei um poema à minha mãe. Correu o boato no Casal da Serra e toda a gente me queria mandar coisas. Eu que só podia receber 30 peças de fruta, a minha mãe trouxe mais de 200! O chefe, que se chamava Malvar, disse-me:

- “Ó Sr. Manel, isso não pode ser!...”. Respondi:

- “Sr. Malvar vai-me perdoar que eu esteja a responder-lhe, mas eu estou há onze meses sem uma visita, não queira que eu diga à minha mãe para levar [a fruta] outra vez. O senhor se quiser dar, dê, se quiser mandar deitar fora, mande, mas eu não digo à minha mãe para levar”. E ele mandou limpar uma arrecadação e encheu-a de fruta.”

Na mesa as sevícias chegavam a este ponto: se recebesse um queijo, se fôssemos seis na mesa, só podia dar a dois! Era para criar ... a ver se havia um mal de inveja, porque é que ele dá a este e não dá aquele? Eram coisas vexantes, coisas que eu achava de uma baixeza tremenda.

Nunca fui um homem muito evoluído. Até fiz a quarta classe no liceu nas classes de adultos. Depois mais tarde quando daqui saí, até já lia francês e nem precisava de dicionário para traduzir. Estudei sozinho. Tive um professor que me indicou os livros que eram necessários e estudei sozinho. Estudei muito, muito, muito. E depois fui fazer o exame do 2.º ano e as habilitações davam para fazer o 5.º ano. Só que tinha que frequentar [...] e não tinha transporte.

[Quando saí] não tive emprego na empresa onde trabalhava e tive que ir trabalhar para a Covilhã e os transportes à noite não davam para isso. E por aqui ficámos. Aos 53 anos ainda fiz um curso profissional na UBI [Universidade da Beira Interior- Covilhã] que me deu um diploma para mostrar aos netos.

### **As visitas**

O Parlatório era num barracão que estava ali no meio [da praça da Fortaleza de Peniche]. **As visitas aconteciam com pouca frequência** porque as deslocações eram muito irregulares para virem de transportes e as finanças eram baixas. De forma que isso acontecia de tempos a tempos.

O pior foi quando pedi para ir para a cela, é que não chegou visita nenhuma, só veio depois a minha mãe.

### **Posso recitar o poema que dei à minha mãe?**

“Ó Mãe que tanto esperas  
Pelo filho que está ausente  
Já não pareces quem eras  
Perdeste a Fé, tu que eras crente.

Não chores querida Mãe  
Por me veres onde estou  
Pensa antes na nossa vida  
Naquele longo caminho  
Que o trabalho nos ensinou.”

[Quando fui preso] o meu miúdo mais velho tinha seis anos e o mais novo tinha três. Quando eu saí já este [mais velho] tinha feito dez e o mais novo sete. De forma que tivemos gente que nos ajudou especialmente um casal de professores com quem eles ... [chora].

Eles compreenderam ao ponto da Sra. Professora dizer que teve o filho mais velho prematuramente, aos oito meses, pela emoção que lhe provocou [a nossa situação]. Porque nós dávamo-nos bem, eramos pessoas de boas relações com eles, com a minha esposa, com o meu avô também. De forma que eles cuidaram muito bem dos meninos. Este [o mais velho] já estava na quarta classe quando eu fui [preso], o mais novo também já estava na escola. E pronto! Foi uma fase difícil, muito difícil.

Mas poderia ter sido pior, porque mesmo ligado a uma família de tendência capitalista, tínhamos um presidente de junta, que era situacionista e chegou a ser autarca na Câmara Municipal da Covilhã ao serviço do regime, mas que impôs e **autorizou que colegas meus que estavam à saída das fábricas a fazer uma cotização de 2 escudos e 50 centavos [2.50\$] para os presos políticos**. E isso ajudou-me e de que maneira. Eu conhecia bem o presidente da junta, conhecia até os pais que eram industriais de lanifícios. Ele [o filho] desempenhou aquelas funções, mas impôs essa condição dizendo que não era para os presos políticos, mas para as famílias carenciadas que eles tinham deixado.

Até no trabalho a solidariedade fazia-se de muitas maneiras. Havia aqueles encarregados com uma cultura pouco desenvolvida e que às vezes mandavam as pessoas vários dias de castigo. Suspendiam-lhes o trabalho e diziam: “Você vai de castigo dois dias, três dias!”. Aquela repressão no trabalho.

De forma que os ativistas, dos quais eu fazia parte, organizamo-nos de tal ordem, que **quando um colega era posto de castigo, nós fazíamos-lhe o ordenado**. Fazíamos uma cotização para lhe fazermos o ordenado.

E por essas e por outras, pois, lá fomos pagar a dívida que tínhamos!

Um membro do grupo ficava doente, fazia-se-lhe um ordenado. Dois escudos [2.00\$] por cada sócio. Se estavam dois [doentes], quatro escudos. Se estavam três, seis escudos. Se havia mais de três é que já tinha de ser rateado pelos que houvesse. Mas criou uma mente às pessoas, que se ajudavam mutuamente. Era bonito. Dava gosto a gente ver as pessoas, que para além da doença que os apoquentava, sentiam o calor humano [emociona-se].

[Era uma forma de solidariedade, mas também de resistência]. De resistência sim. A nossa intenção baseava-se sempre na resistência. Mas claro que a solidariedade estava inerente.

## **A prisão**

Em Caxias ... aquilo ... os interrogatórios eram muito chatos.

A pior época foi quando fomos para a Soares dos Reis no Porto, para a PIDE do Porto, no largo Soares dos Reis.

Eram umas instalações de cimento. Aquilo foi uma desidratação. O Dr. Vasques Silva perdeu nos três ou quatro meses em que estivemos lá – fomos em julho e viemos de lá em outubro – nesse período ele perdeu 16 Kg. O Mário Barreto 13 Kg. É que a gente, em calção todo o dia transpirava. **Era como a Frigideira do Tarrafal**. Ainda estive com gente do Tarrafal em Caxias: o Fernando Vicente e outro, o Joaquim... não consigo precisar. O Fernando Vicente foi preso outra vez e quando opuseram em liberdade, faleceu em poucos meses.

**As condições no Porto eram péssimas, péssimas**. E a alimentação então?! Era tão ordinária, tão ordinária. Mandeí comprar um pacote de manteiga e mandei comprar uma faca para pôr a manteiga. Compraram-me uma faca, que era um disparate mas não compravam o pão. Tinha a manteiga mas não tinha o pão!

A nossa transferência para o Porto teve um objetivo fundamental da PIDE. O Tribunal Plenário de Lisboa tinha uma série de advogados que defendiam os presos com unhas e dentes. No Porto não acontecia isso. Nós fomos defendidos por um advogado do Fundão que era um estrepante e não tivemos sorte. E então puseram lá três juizes que já todos tinham mais de 70 anos. **A PIDE é que dizia o que eles tinham de fazer.** E isso deu-nos um transtorno. Claro que eles [PIDE] mentalizaram-nos logo daqueles que deviam levar mais e menos [pena]. A rapaziada de Castelo Branco que eram mais evoluídos e tiveram melhor advogado, ninguém levou medidas de segurança. As medidas de segurança recaíram só nos do Tortosendo e um da Covilhã. Pesou muito a falta do advogado e o facto de eles terem feito a transferência para o Porto para lá sermos julgados, para evitarem que esses advogados ... **Um deles era o Jorge Sampaio e tínhamos outros.** Havia muitos advogados que defenderam presos políticos. Defenderam muitos clandestinamente. Não era nada clandestino porque era tudo feito... tínhamos é que evitar que outros olhos se lhes pusessem em cima. Porque clandestino não era. Era escondido!

Os juizes impuseram aos advogados determinadas restrições. Nem perguntavam ao preso isto ou aquilo. **“Vocês queriam que entregassem Angola!** Quando eu a trabalhar até um dia de trabalho dei para a ajuda de Angola. Mas nem isso eu pude afirmar, argumentar. Eles não ouviam. Foi-lhes dado o dossier e “vocês fazem isto”.

A conclusão que eu e outros chegamos: **fomos vítimas da repressão, dum julgamento fanteche** e depois com a agravante da rapaziada toda [companheiros] ajudar alguns para irem para França, outros que fugiram da própria empresa pela ribeira [da Covilhã] abaixo para depois não aparecerem. Um deles até esteve escondido numa casa de família uma quantidade de tempo. Outro foi para casa de uns primos para Espanha ainda antes de ir para França.

Claro que eles [a PIDE] como quem diz: o peixe maior foi-se embora, estes agora é que pagam. Foi aquilo que eu notei que houvesse ainda mais grave contra nós. Não havia razão. Cada um devia responder pela sua culpa, neste caso, se lha atribuíssem, e não ser condenado mais tempo por outros terem fugido e terem conseguido a liberdade.

[Recita o poema de Carlos Aboim Inglez]:

“ Um homem só no Segredo

Sabe um segredo profundo

Nunca está só nem tem medo

Porque ama os homens do mundo”

O poema do Carlos Aboim Inglez foi escrito em 1959, com um prego, numa rocha das casamatatas do Forte de Caxias. Eu tenho um livrinho onde está esse poema e foi do livro que eu extraí.

Na cadeia de Peniche o recreio era feito por pisos separados, nunca se juntavam dois pisos. Era sempre um piso. Quando estavam [os presos] do Pavilhão C, rés-do-chão, eram 3 salas e eramos 18 presos. Quando estava completo eramos dezoito. Mas o guarda não admitia que dois [presos] conversassem em voz baixa.

[Relativamente à circulação da informação] No Aljube havia o toque, o alfabeto por pancadinhas; em Caxias a sala chegou a ter 11 ou 12 [presos] e só ia uma sala de cada vez para o recreio. Depois... é como tudo... havia pessoas que estavam ali a cumprir a sua missão e não chateavam ninguém. Havia outros renitentes que eram chatos, eram provocadores... E claro que às vezes um indivíduo virava as costas, mas outras vezes reagia, ficava mal visto para eles, mas ficava aliviado porque tinha desabafado. São coisas complicadas.

O pior que passei na cela, foi [por causa de] um circo que estive no Largo aqui em Peniche, que tinha lá um altifalante, que passava o dia a dar música. E então estava no auge, a canção do António Mourão “Ó tempo volta para trás”. Eh pá! As centenas de vezes que eu ouvi aquela música! E eu a dizer para mim mesmo: “**Então se o tempo volta para trás nunca mais daqui saio!**”. E depois com um vozerio tremendo...

Peniche naquela altura tinha a segunda-feira para pôr a caldeira [da água] a trabalhar para se tomar banho. E eu, por uma questão de tendência, sempre gostei de tomar banho. Como aqui é zona marítima, as águas são muito menos agressivas do que na montanha, na Serra da Estrela. Porque lá a água é férrea ... põe a gente a tremer.

Aqui [o banho] era uma questão que era decidida pelo guarda que estava de serviço. Eu tocava à campainha: “Senhor Guarda, posso tomar banho?”. “**Hoje não é dia de banho!**”. Havia alguns que não autorizavam. Mas havia outros que diziam: “Então mas hoje não [é dia de ligar a caldeira]”. “**Mas eu tomo com água fria**”. “Então se toma com água fria, vá tomar.” Mas havia alguns em que não se podia tomar banho.

O Pavilhão C tinha duas divisórias: uma eram 7 ou 8 celas e a outra era na cabeceira, pela porta por onde saíram os 10. Naquele tempo, os de um lado não saiam com os outros. Quem estava no outro lado era o coronel Varela Gomes e o Manuel Serra. E estava o Vasques Silva, o professor Mário Barreto e o Tito Capeto Zuzarte que era industrial de malhas (?).

**Selecionavam... não queriam que os operários vivessem com os outros**, porque sempre lhes iam instruindo qualquer coisa. Mais tarde ligaram-nos [juntaram-nos] e foi quando o Barreto me perguntou: “Então, Manel como é que vai o francês?” – Ó pá vai bem. Já estou a ler livros da biblioteca”, porque **a biblioteca aqui era dos presos, não era do Forte**. A gente fazia o requerimento e traziam-nos os livros. E eu disse-lhe: “Olha, já leio francês e traduzo sem ser preciso dicionário”. Não sei onde estava a biblioteca. Eu nunca fui à biblioteca.

[Há uns anos] vim [ao antigo museu municipal] com um amigo meu e pagamos os bilhetes para ir ao Pavilhão C. Eles ficaram na parte do refeitório, na copa, a ver uns dizeres que lá havia escritos, e tal e eu aproximei-me logo da cela 2 onde eu tinha estado. Tinha uma porta de vidro transparente. Tinha lá um boneco sentado na cadeira à secretária e com um bonezinho. E eu com um ar sorridente chamei: “Ó Tó anda cá! Olha ali o Manel Quinteiro a fazer a contabilidade!”. Mas estava lá um casal de emigrantes portugueses que tínhamos encontrado

aqui ao fundo quando estávamos a identificar os nomes, eles perguntaram-me: **“O Senhor também aqui esteve? – “Estive”** – Depois lá em cima quando eu disse aquilo, eles estavam ao lado também, andavam a ver. “O senhor esteve aqui?” – “Foram os últimos 8 meses do meu aposento.” – “E o senhor fala assim com à vontade?” – Digo-lhe eu: **“Então agora é que eu posso falar! Na altura não podia!”**

### **Testemunho do Filho mais velho do Senhor Manuel**

A primeira vez que vi o meu pai preso foi no Aljube. E o meu irmão perguntou ao meu pai: “Ó Pai estás preso e não tens correntes?” Andava o PIDE no meio, o meu pai dum lado da rede e nós do outro. Estava também o meu padrinho e avô, pai da minha mãe.

Noutra visita, nós tínhamos passado pelo Jardim Zoológico e a minha mãe tinha trazido umas bananas e outras peças de fruta, e andavam uns macaquitos pequenitos lá à solta. E vinham um macaquito para me tirar o pão e eu já ia a dar um pontapé ao macaco! A minha prima vinha connosco [...] nós, quando vínhamos, ficávamos muitas vezes na Torre da Marinha e eu até ficava nas férias grandes mais tempo. Vínhamos os três, mas a minha mãe para cima [Covilhã] voltava só com o meu irmão porque ele ainda não pagava bilhete. Mas eu já pagava meio bilhete e ficava cá para a mãe não ter de pagar o bilhete.

Fui a Caxias e aqui [Peniche] **a primeira vez que cá vim ainda não havia Parlatório**. Foi onde vi o primeiro ovo da Páscoa como a gente os conhece agora. Tinha uns sete ou oito anos e foi um senhor que fazia parte da Assembleia Nacional que tinha cá um enteado, [dono do Parque Mayer, Campos Figueira].

O que me fazia mais impressão era quando vínhamos **para entrar estarem-nos a revistar, a apalpar. Aquilo a mim foi o que mais me chocou.**

**Nunca me deixaram ir para o colo do meu pai.** No Aljube deixaram-me ir dar um beijo, mas nunca mais. Depois na prisão Hospital já estávamos na sala e aí já podíamos estar. [Sr. Manuel referindo-se ao filho: Ficou marcado!]

Depois na quarta classe quando o meu pai saiu, eu fui sempre um bom aluno. A professora fazia questão que eu fosse professor e queria que eu fosse estudar. Mas não havia possibilidades. Na altura era necessário fazer exame de admissão ao ensino secundário e ela dispôs-se a dar-me as explicações suplementares, que habitualmente eram pagas. Ela deu-me as explicações a troco de uma galinha, uns ovos, umas batatas, o que a gente arranjava.

[Sr. Manuel: Ele fez por amor-próprio. Os professores já tinham ordenado que dava para comprar, mas claro que era uma forma de ajudar e retribuir o agradecimento.]

Para a minha mãe foi muito complicado. Eu saía da escola e às vezes ainda tinha que ir mais o meu irmão apanhar uns feijões para secar. Ele ficava em casa da minha avó. Eu vinha para o Tortosendo acompanhar a minha mãe para não ir sozinha. Um dos jogos psicológicos deles era esse. Eu já tinha algum discernimento e as pessoas iam-me dizendo: Olha, vê lá não deixes a tua mãe sozinha”.



Eu aos dez anos já tinha lido “A Mãe” [de Maksim Gorki]. **O meu pai nunca me influenciou.** E foi dos livros que ele levou da cadeia onde aprendeu francês que eu aprendi o meu francês. Eu nunca tinha estudado francês e a primeira tradução que fiz de francês, em 20 valores possíveis, tive 19,5 valores. Pela gramática e pelos livros que o meu pai lá tinha e falava o francês gramatical.

**Um dia viemos e o meu pai já lá não estava, tinha sido transferido.** A minha mãe estava a ajeitar aquilo e o guarda prisional disse-lhe: “Sua ordinária vem para aqui a dar espetáculo à porta da cadeia”. A minha mãe chorava, nem sabia o que havia de fazer.

**Sr. Manuel Quinteiro Gomes:** Há de tudo, estas situações compõem-se de um inventário de coisas inimagináveis. E as reações são tão diferentes, tão longe umas das outras, que nem é possível liga-las. E depois quem as recebe, umas vezes está com uma disposição e outras vezes está com outra. São reações que pairam. E às vezes lembram e outras vezes nem lembram.

#### **Durante a visita às antigas celas no pavilhão C, piso 3, cela 2**

A minha caserna. Já não tem a cama. Tem o armário. Além era para o balde. Era naquela mesa que estava a cadeira com um boneco com o bonezito: foi quando eu chamei o Tó e disse: olha o Manuel Quinteiro a fazer a contabilidade!

A cama levantava-se para ter mais espaço. Os vidros eram foscos, mas os de baixo não eram. Podia-se abrir um só vidro.

Isto tinha um óculo da parte de fora da porta.

#### **Durante a visita às antigas celas no pavilhão C, piso 0, enfermaria**

Tinha aqui um lavatório onde tiravam o copo da água quando precisávamos tomar um comprimido. Estava fechado até ao meio. Todas as celas do piso 0 tinham grades. À direita íamos às casas de banho e à esquerda íamos para o recreio.

#### **Durante a visita ao Pátio da cisterna**

Aqui em tempos vieram alguns a arrancar ervas. O pátio era por cima das lajes da cisterna

Transcrição de testemunho oral

30 de setembro 2019